

Do niilismo em seu estado fisiológico para o estado psicológico. O amor fati como transfiguração da moral

Adilson Felício Feiler¹

RESUMO: Assim como o niilismo, em seu estado psicológico, se torna impossível, já que daí nada se pode criar, da mesma forma a moral, quando sob o estado psicológico representa um “não” a tudo o que diz respeito à disposição e força para a ação. A moral, à nível psicológico, estabelece a sentença de não agir, ou seja, não acolher o fato, movido por um sentimento de incapacidade. No entanto, na medida que o interdito moral não implique na retenção das forças, responsáveis pela ação e afirmação da vida, pode se constituir em algo que não apenas impossibilite a vida, mas, além disso, algo que a promove. Assim, compreende tudo o que na moral representa obstáculos a ser superado. Como é, por exemplo, a superação de desafios no campo fisiológico. Ao se interpor desafios, com tanto mais força, o próprio organismo se investe para a sua superação. A moral tem, por isso, na fórmula “amor fati” o seu sentido de transfiguração. Mediante o amor fati tudo se acolhe, seja qual for o peso do seu desafio, isso porque psicologicamente não se é obstaculizado. Em que medida é possível alavancar disposições que fazem da moral fonte de forças afirmativas da vida?

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Moral. Niilismo. Fisiologia. Psicologia.

INTRODUÇÃO

As incursões nietzschianas pelos diferentes âmbitos da vida apontam para a moral como fonte principal da qual emergem as críticas nietzschianas. É a moral o grande alvo das críticas de Nietzsche frente à cultura, em seus diferentes registros, seja no da religião, da ciência, ou, ainda, jurídico e filosófico. Ao atuar mediante cada um destes registros, a moral faz da religião uma relação de submissão a uma divindade da qual emerge todo o poder da ciência, um conjunto de verdades dogmáticas, do sistema jurídico, um corpo de ordenamentos péticos e da filosofia, um conjunto de saberes inquestionáveis. Por isso, não reside na religião, na ciência, no sistema jurídico ou na filosofia o problema da cultura, mas, antes, em outros fatores que a ela se somam e que a degeneram. O degenerar da cultura se caracteriza, basicamente pelo desprovimento da fonte propulsora das forças. Este fenômeno, destituído das forças, ocorre mediante a doença que degenera, o apequenamento que nivela e o enfraquecimento que limita. Ora, são justamente estes os fatores que, ao se fazerem sentir sobre a cultura a destituem daquilo que a fundamenta, mediante a qual se promove a vida: as forças. E tudo o que promove as forças acaba sendo benefício à cultura, em seus diversos âmbitos. No entanto, a fraqueza atua no sentido contrário, ao degenerar a cultura, tendo o ressentimento como sua expressão.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Pós-Doutor em Filosofia pela PUCRS. Atua como professor no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-MAIL: feilersj@yahoo.com.br.

O ressentimento manifesta a moral da fraqueza. Apesar do fato de se tornar incapaz de agir, com vistas à superação de obstáculos, apresenta ainda o veneno da contaminação daqueles que se mostram dispostos a agir e se superar. Não bastando, por isso, estarem doentes pelo enfraquecimento e degenerescência das forças, mas promovem a doença, degeneram, contaminam, contagiam. Quando a moral se apresenta sob a consigna da fraqueza e da impotência, ela assume um papel de promoção da decadência cultural em todos os níveis e esferas da vida, porque atinge o coração da vida, que é a capacidade de autossuperação. Sem a autossuperação, não há como seguir adiante, pois não se tem forças suficientes para agir. Se a moral se limita a interpor obstáculos que resultasse em desafios ao agir, estaria atuando em benefício da vida.

O itinerário proposto, neste escrito, é iniciado com a seção: “A moral em estado fisiológico: o aumento de forças”, que consiste na apresentação da dimensão fisiológica da moral, mais especificamente como a moral, em seu atuar no campo das forças e nível fisiológico torna-se capaz de proporcionar aumento de forças. Na sequência, se apresenta o estado psicológico da moral, do qual se constata uma diminuição das forças e, por isso, a degenerescência. Intitula-se: “O estado psicológico da moral: a degenerescência”. Enfim, no terceiro capítulo se apresenta em que medida a moral pode, mediante o amor fati, ser transfigurada no sentido de proporcionar forças necessárias para a afirmação da vida. Intitula-se: “O amor fati como transfiguração da moral”.

1 A MORAL EM ESTADO FISIOLÓGICO: O AUMENTO DAS FORÇAS

Ao se referir à disposição orgânica, “[...] é preciso ter presente que os órgãos do sentido não são fenômenos no sentido da filosofia idealista: como tais eles não podem ser causas!” (JGB/BM, 15, KSA, 5.29)². Na dimensão orgânica a relação causa e efeito dá espaço à disposição anímica, em que cada componente se encontra em luta por assenhoreamento. Neste sentido, os mecanismos da moral, com seus interditos, acabam resultando em utilidade para que as forças redundem em crescimento, e, assim, a vida se afirme. Pois, como recorda Christian Niemeyer, “[...] está presente em Nietzsche o mais alto e problemático esforço jamais estagnado para enobrecer a locução ‘sentimento de vida’” (NIEMEYER, 2013, p. 26). Toda a interposição de obstáculos, representados pela moral, acabam redundando em um demandar de sempre mais forças, responsáveis pelo aumento, propagação e afirmação do fenômeno vida.

2 Para as citações das obras de Nietzsche adotamos a Edição Crítica Alemã Colli & Montinari: KSA (*Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe*) e das Cartas KGB (*Sämtliche Briefe Kritische Studienausgabe*); após a sigla indicando a obra, em Alemão/Português: MAII/HHII – *Menschliches Allzumenschliches* (Humano demasiado humano), FW/GC – *Die fröhliche Wissenschaft* (A gaia ciência), M/A – *Morgenröte* (Aurora), Za/ZA – *Also Sprach Zarathustra* (Assim Falava Zarathustra). JGB/BM – *Jenseits von Gut und Böse* (Além do bem e do mal), GM/GM, *Genealogie zur Moral* – (Para a genealogia da moral), AC/AC – *Der Antichrist* (O Anticristo), EH/EH, *Ecce Homo* (Ecce Homo), Nc/FP – *Nachlass* (Fragmentos Póstumos), Br/Cr – *Briefe* (Carta), segue o número, em romano, indicado o capítulo, se tiver, o número do aforismo, KSA ou KGB, o número do volume e a página.

É preciso sublinhar que a moral, em si mesma, pelos seus expedientes de regramentos e ordenações constitui um problema para Nietzsche. Problema este que se estrutura, inclusive, pela linguagem. Por ser considerada, como recorda Geneviève Leveillé-Mourin (1978), em seu comentário à Genealogia da Moral de Nietzsche: “[...] uma invenção dos homens que falavam e pretendiam que os valores aparecessem no mundo do discurso lá reside o caráter profundamente imoral desta moral, que tem a moral apenas por nome.” (LÈVEILLÉ-MOURIN, 1978, p. 52). O que se alega aqui é um recorte da moral em seu estado fisiológico, ou seja, a sua compreensão dentro do âmbito da filosofia, do puro funcionamento orgânico.

Christian Niemeyer acentua que as morais são linguagens de afetos: “O que segue são variações e esclarecimentos aproximadamente com olhar sobre a moral impassível ou aquele lado sombrio que pactua com o padrão.” (NIEMEYER, 2013, p. 56). Logo, não se trata de, neste momento, analisar a moral na sua esfera psicológica, mas, no âmbito fisiológico, em que a moral é avaliada apenas naquilo que representa, enquanto provocação para a demanda de mais forças. Quanto mais o peso dos interditos morais se fizer sentir sobre o cotidiano, mais potente será o *quantum* de forças demandado para a superação dos obstáculos.

Embora os resultados às prescrições morais não sejam devidamente percebidos pelos indivíduos, uma vez que a moral, ao se interpor fisiologicamente, ultrapassa o campo meramente científico para se situar num registro para além da relação causa e efeito: “É diferente com as prescrições morais: nelas os resultados não são percebidos inteiramente, mas mediante interpretações e de forma indistinta. Essas prescrições baseiam-se em hipóteses de valor científico débil, cuja prova e cuja refutação pelos resultados são igualmente impossíveis” (M/A, 24, KSA, 3.35). O único resultado que o ser almeja, como uma referência, diz respeito à busca pela superação de obstáculos e desafios, no sentido de assenhorar-se. Isso porque os interditos morais não atingem o psicológico, caso contrário, tais interditos incidiriam diretamente sobre a própria vontade, no sentido de coibi-la e dissimulá-la, reduzindo-a ao estado de letargia.

Este livre efetivar-se das forças, no entanto, com o seu caráter de vir a ser sempre mais forte, conta com uma atmosfera que lhe possibilita um necessário clima de embates. Por essa razão, a moral, com seus estatutos não opera no sentido de traduzir relação de causalidade, mas de contribuir para criar um clima beligerante, o que é capaz de promover as forças.

A falta de guerras acaba fazendo com que as forças sejam definhadas, e, desse modo, a própria autoestima seja afetada. E, quando a autoestima é comprometida, ou seja, quando a vontade passa a ser atingida na sua própria constituição do movimento de querer, a degenerescência assume um nível psicológico, em que os interditos morais atuam no sentido de rebaixar, diminuir, adoecer e degenerar. Na sequência, será realizada uma análise do atuar da moral dentro da esfera psicológica, de modo a constatar os seus efeitos quanto ao comportamento das forças.

2 O ESTADO PSICOLÓGICO DA MORAL: A DEGENERESCÊNCIA

Não é à psicologia que Nietzsche tributa o problema, mas à leitura contaminada que dela se tem feito. “Toda a psicologia, até o momento, tem estado presa a preconceitos e temores morais: não ousou descer às profundezas. Compreendê-la como morfologia e teoria da evolução da vontade de poder” (*JGB/BM*, 23, KSA, 5. 38). Com efeito, a moral provoca desânimo, sentimento de incapacidade e inanição, ao ponto de se considerar incapaz de sobrepujar os grilhões que se interpõem. Com isso, não se sente, mas ressentido, ao ponto de que não se limita a viver para si mesmo as marcas da degenerescência e da doença, mas degenera e adocece, disseminando o veneno letal da fraqueza.

A persistência do instinto de fraqueza não contribui para que algo seja construído ou criado, pois há “[...] ainda a exigência de apoio, de suporte, em suma, o *instinto de fraqueza* que, é verdade, não cria religiões, metafísicas, convicções de todo o tipo – mas os conserva” (*FW/GC*, 347, KSA, 3.582). Por isso, o conservar impede a criação de algo novo. Pois, Nietzsche mesmo considera preferível criar o nada, a nada se criar. Pois, enquanto algo se cria, quer ou constrói, é possível manter a capacidade de agir. Por essa razão, “[...] o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer...” (*GM/GM*, III, 28, KSA, 5.412). Este sentimento de fraqueza e incapacidade funciona como uma espécie de instinto vampiresco. “O cristianismo tinha necessidade de conceitos e valores bárbaros para assenhorar-se de bárbaros: o sacrifício de primogênitos, o ato de beber sangue na ceia” (*AC/AC*, 58, KSA, 6.245).

Pelos fracos, a moral dos fortes é considerada um mal “[...] o conceito ‘bom’ não é único, porque o méchant da moral do ressentimento é precisamente o ‘bom’ da outra moral, isto é a aristocrática, a potente, a dominadora, mas somente é considerada pelo homem do ressentimento” (LEVEILLE-MOURIN, 1978, p. 54). Além da moral cristã colocar o crucificado como exemplo a ser seguido, desperta no rebanho dos fiéis o sentimento de culpa que adocece. “Estar doente é em si uma forma de Ressentimento” (*EH/EH*, I, 6, KSA, 6.272). O sentimento de fraqueza e incapacidade acaba sendo a arma dos cristãos, contudo, é uma arma, mediante a qual nada se constrói senão rancor, ódio a azedume.

É precisamente neste âmbito psicológico que a moral se torna o grande caudilho a impedir o nascimento, crescimento, maturação, manutenção e proliferação das forças. À nível psicológico, se alimenta a crença de que se é incapaz e, por isso, se coloca passivamente diante daquele arcabouço cristão denominado redenção: “[...] esse fenômeno da alma do cristão que é denominado necessidade de redenção, ou seja, uma explicação puramente psicológica” (*MAI/HHI*, 132, KSA, 2. 125). Quando Nietzsche trata sobre a moral, e seus efeitos nefastos, é no âmbito de sua atuação em nível psicológico que o filósofo se refere. A incapacidade psicológica atua sobre a própria fonte da força: a vontade.

Ora, por uma vontade que não quer nada se é capaz de alcançar nada senão o diminuir das forças, até a sua degenerescência. O niilismo passivo é justamente o assumir do moral do seu estado psicológico, quando se internaliza psicologicamente que se é incapaz de agir em prol da superação de obstáculos interpostos pela moral, em seus diversos âmbitos: religiosos,

culturais, educacionais, políticos. Como é o caso dos chamados contra-instintos, nomeadamente os instintos cristãos, como Nietzsche se manifesta nesta carta a Georg Brandes: “[...] os representantes do alto clero foram dominados pelos contra instintos” (*Br/Cr* à Georg Brandes, de 20 de Novembro de 1888, 1151, KGB, 8.482). Por essa razão, se os líderes se mostram doentes, psicologicamente falando, então acabarão por contaminar a outros pela sua influência.

Ao atuar no âmbito psicológico, a moral apequena, torna fraco, degenera, pois ela atua no próprio âmbito do querer. E se não há mais o que querer, então não resta mais nada senão o degenerar. A internalização psicológica de que se é incapaz, acaba por se sentir na própria fonte da força: a vontade. Sem a vontade de querer, de se superar, de elevar-se de um nível a outro não há como alimentar a vida, que se compõe em um conjunto de forças. Ligado também ao termo decadência, a degenerescência se caracteriza pela desagregação dos instintos, tanto à nível de indivíduo, como de cultura, o que leva a não criar condições para o crescimento da potência.

É pela hierarquia entre os impulsos e afetos que se depreendem os embates. E quando tudo se encaminha para a direção da igualitarização não há mais nenhum tipo de embate que favoreça a força. Tudo passa a se encaminhar para um estado mórbido, caracterizado como um processo de esgotamento. E, é a moral que, ao atuar sobre a esfera psicológica, vai atacando a própria fonte de vitalidade que é a vontade, de modo a não torná-la e capacitá-la como vontade de potência e sim vontade de nada, niilismo, degenerescência. Este processo de dissolução que a moral, com seus mecanismos, provoca, não tem como parar, pois é um processo sem volta. O que se pode mudar é a sua expressão, relativa à disposição psicológica, mediante a qual se acolhe o fato, por mais pesado, e, aparentemente, impossível de se suportar, que é o amor fati.

Christian Niemayer recorda que “Nietzsche tem sido repreendido por muitos de seus intérpretes por este Cântico dos cânticos do amor ao destino (= amor fati)” (NIEMEYER, 2013, p. 39). Pois, amar o destino é reconhecer que tudo é extensão da própria vida, e que, por isso, deve não apenas ser aceito, mas acolhido, amado, inclusive o peso mais pesado. Pela maneira colhedora e desejante de se encarar o fato da vida, seja este qual for, se é possível transfigurar o peso que o fato impõe. A transfiguração deste peso está ligada à “[...] dissolução consciente e final de todo o patrimônio metafísico e teológico, como negação de um mundo verdadeiro, de um ser e como a recuperação plena e alegre do sentido da terra, o niilismo é sinônimo de libertação” (LUSARDO, 2016, p. 73). O sentido, sob o qual o niilismo é apresentado, aponta para a ação, a superação destes valores morais, sob os quais a cultura tem estado refém. A seguir, neste terceiro e último capítulo será apresentado o amor fati como a disposição psicológica que transfigura a moral com todo o peso de seus mecanismos.

3 O AMOR FATI COMO TRANSFIGURAÇÃO DA MORAL

A moral, tanto em sua atuação fisiológica, como psicológica, constitui uma expressão do niilismo. No âmbito fisiológico, a moral se constitui enquanto obstáculo à ação, que, ao impedir a força propulsora da ação, acaba atuando como fator de resistência à ação, e que provoca a ação. Mesmo que a moral, nesta esfera, provoque a ação, não deixa de se constituir fator niilista. Porém, se trata de uma forma de niilismo mediante o qual se é capaz de mobilizar as forças em prol da superação. Esta somente é possível na medida em que o indivíduo é colocado em realce, como recorda Oswaldo Giacóia Júnior (2022, p. 32-3): “[...] a guerra e a emulação agonística, de onde surge a excelência individual, com a clivagem e as diferenciações e hierarquias, com uma extensa base anônima sobre a qual se elevam aqueles que se singularizam e immortalizam pelos grandes feitos”. Estes grandes feitos constituem-se em pontos culminantes de potência, instantes de plenitude que, enquanto perdurarem constituem um marco pleno, no entanto, não são nada mais que um instante que passa, o nada.

Nesta modalidade de niilismo se poderia apresentar como exemplo os inúmeros ordenamentos e prescrições dietéticos, que, ao privarem de alguma satisfação dentro de um determinado âmbito, acabam constituindo satisfação em algum outro âmbito. Neste sentido, a descarga da força acaba acontecendo, o que resulta em benefício para o campo anímico, aquele, em última análise, responsável pela afirmação da vida. No âmbito psicológico, a moral constitui um tipo de obstáculo à ação, mas que não redunde em fator que promova o aumento das forças, mas sim na sua diminuição e inanição. Já que a moral, com seus interditos, age na própria fonte da ação: a vontade. Neste sentido, o ser é compreendido como incapaz de agir, pois a moral ao atuar à nível psicológico, se internaliza, fazendo com que não se afirme como capaz de mobilizar forças no intuito da superação. A moral acaba atuando como fator de diminuição das forças até a sua inanição, pois através dela há internalização da incapacidade, a fraqueza.

Por isso, o niilismo que se expressa nesse âmbito da moral é um niilismo passivo, que não conduz à promoção das forças que levariam à superação. Contudo, o âmbito psicológico não pode ser concebido como separado do âmbito fisiológico. Por essa razão, se fala de um âmbito fisiopsicológico. A fisiopsicologia é uma vertente que permite realizar a transição de uma psicologia mais autêntica, aquela em que a fisiologia lhe imprime o caráter do qual demanda a luta, a vontade por assenhoreamento. “Uma autêntica fisio-psicologia tem de lutar com resistências inconscientes no coração do investigador” (*JGB/BM*, 23, KSA, 5.38). Este conceito de fisiopsicologia vem atrelado a busca nietzschiana de superação do dualismo metafísico, que se instaura na compreensão de alma e corpo, sem, contudo, reduzir um âmbito ao outro, mas um pensamento que prescinde dessa dualidade metafísica. Por essa razão, o fisiopsicológico não pode ser separado do psicológico. A abordagem que aqui se fez, em separado destes dois âmbitos, foi apenas a título de compreensão destes, para enfatizar como a moral se comporta ao atuar em um e outro âmbito. Sabendo que, em última análise, estes âmbitos atuam como unidade.

Contudo, é uma unidade composta de partes, sobre as quais é possível tematizar e explorar as suas dimensões, de modo que se constate uma implicação mútua na relação entre o humano, o mundo e os demais compostos orgânicos. A compreensão de totalidade que compreende o pensamento nietzschiano, aponta, inclusive, para o conjunto daquilo que se acolhe como fato. Não se trata de acolher uma parte isolada do fato, mas a sua totalidade.

Esse acolher do fato, do acontecimento em sua realidade total, refere-se a uma revisão da maneira pela qual os usos e costumes têm sido efetivados, como que sustentados pelo poder de divindades, em cuja fé, conduz à divisão, capitaneada pelo exercício de sacerdotes ascéticos: “Quando, afinal, também forem destruídos os usos e costumes em que se sustenta o poder dos deuses, dos sacerdotes e redentores, ou seja, quando a moral, no velho sentido, estiver morta: então virá sim, o que virá então? (M/A, 96, KSA, 3.87). Nietzsche evoca, neste aforismo, um sentido moral que deve perecer, com isso, dá a entender um outro sentido que deve permanecer, um sentido que privilegie a totalidade, contra toda a divisão e separação, que em última análise é fruto de prescrições que conduzem a submissão passiva. Fazer perecer a velha moral é destruir os velhos interditos que impedem a manifestação dos instintos, é o que Nietzsche reflete em *Aurora*.

Aurora é um texto que evoca inúmeros temas da psicanálise. “Esta obra é de todas a extensão na qual Nietzsche antecipa o programa formal central da psicanálise de Freud” (NIEMEYER, 2013, p. 34). E, quando se acolhe o fato em sua compreensão de totalidade; portanto, com tudo o que este representa e acarreta, se é possível ultrapassar, superar os efeitos niilistas da submissão passiva e deletéria que atua sobre a capacidade de agir. Essa noção de totalidade, aqui evocada, aponta para o amor, que se traduz em disposição psicológica com vistas à acolhida; e o que se acolhe é o fato da vida, tal como se apresenta, sem nenhum tipo de subterfúgios ou escondimentos, “[...] que diz sim, mesmo aos lados mais sombrios da existência, e se coloca diante deles com a serenidade de quem se apropria da tarefa de realizar o próprio destino e assumir a própria vida” (GIACÓIA, 2022, p. 46). Este tipo de disposição ativa aponta para a conhecida fórmula nietzschiana: amor fati, que se traduz como disposição ativa a acolher o fato da vida seja este qual for, com tudo o que este representa e suscita em termos de venturas ou desventuras. Se acolhe tudo, e, na medida em que se acolhe o fato, que é em si niilista, se é capaz de superar o próprio niilismo pela forma com que se coloca diante dele. E, neste sentido, a própria moral passa a ser transfigurada. Ou seja, todo aquele peso passa a converter em júbilo, riso e dança, quebrando assim o peso, gravidade e secura, mediante os quais a moral se apresenta.

Quando, na vida, se acolhe um fato, sem exceção, a vida é compreendida em sua totalidade. E é como totalidade que a vida pode ser efetivamente afirmada, com tudo o que dela demanda, sem nenhum tipo de escolha, divisão ou separação. E, é nessa medida que, como vida afirmativamente integrada, que todos os revezes também podem ser assimilados, não suportados como um peso, mas transfigurados, acolhidos e amados como o todo da vida.

Esta disposição de acolher com amor, a vida, no seu todo, faz com que a própria moral, com todos os seus interditos e prescrições, seja transfigurada, elevada até um nível superior, sendo assim não empregaria nenhum tipo de tolhimento ou diminuição de si; mas, ao contrário, possibilitaria elevar-se, o que envolve acolher, assumir, amar, mediante uma disposição hierárquica: “[...] Nietzsche justapõe e remete o processo de organização piramidal da sociedade à diferenciação hierárquica das funções anímicas inferiores e superiores – numa significativa redução da metáfora platônica em que as classes sociais e suas funções definidas simbolizam as virtudes da alma, sendo a polis a imagem adequada da psiquê” (GIACÓIA, 2022, p. 60). A disposição hierárquica incentiva a busca pelo alcance de mais elevados níveis da força acolhendo tudo o que representa obstáculos, por onde são demandadas as forças de superação.

E, na medida em que se ama as regras morais ou qualquer outro desafio que se apresenta, não resultam nenhum tipo de ameaça à afirmação da integridade da vida. Por isso, a moral, enquanto condição de possibilidade para a força e a afirmação da vida, implica em “[...] compreendê-la a partir de uma multiplicidade real, ou possível, portanto, em sua relatividade. Apreendê-la como múltipla e relativa possibilita compará-la, avaliá-la, inseri-la numa hierarquia de morais possíveis, que passam a ser discernidas e valorizadas em função dos fins” (GIACÓIA, 2022, p. 71).

Transfigurar a moral não é negá-la, caso contrário esta continuaria persistindo em seu âmbito aniquilador das diferenças, conferindo um papel solapador da fonte das forças: a vontade. Sem uma vontade que quer ultrapassar, superar os diferentes obstáculos que se fazem sentir, mediante a ação dos diferentes mecanismos morais, a vida acaba sucumbindo. Por essa razão, é pela via do amor fati que se acolhe e ama, com uma disposição psicológica afirmativa, o todo da vida, incluindo o que nele há de peso, pode ser transfigurado. Ora, quando se vive algo como mera submissão, persiste a divisão e a separação, como um peso insuportável de ser carregado, daí segue a fraqueza, a doença e a degenerescência. E, como Nietzsche observa, o processo de degenerescência envolve uma série de eventos sucessivos, capitaneados pela doença que é fruto da moral de fraqueza e passividade: “O que até agora tem sido motivo de degeneração, são uma série destas: a doença, o crime, a esterilidade” (Nc/FP do outono de 1888, 14[74], KSA, 13.255).

E, nesta série de fatos, está presente a dimensão da divisão e da separação, não uma separação que leva em conta a dimensão de assenhoração, a dimensão hierárquica, mas que elege uma escala de valores que conduz a submissão e à passividade. Ao afirmar todo o fato da vida, tudo o que poderia representar um peso insuportável se torna possibilidade, capacidade para a ação de superação e transfiguração de todos os imperativos demandados pela moral.

CONCLUSÃO

Pelo excurso apresentado, foi possível acompanhar algumas das nuances mediante as quais o pensamento de Nietzsche se estriba. E, dentre estas, se pode destacar em que medida a moral pode exercer um papel importante sobre a propulsão das forças, para além de ser considerada apenas como o grande problema da cultura, que implica na ativação das pulsões, ingrediente fundamental para a afirmação da vida, em todas as suas esferas. Por essa razão, foi possível constatar no fenômeno moral alguns elementos que fazem dela um excelente meio de propulsão das forças. E é justamente no âmbito dos obstáculos que a moral, com seus mecanismos, impõe aos instintos uma contraforça que destes faz demandar um *quantum* de outras forças que se lhe imponham resistência. Contudo, esta contraforça, ressignificada como força de resistência, somente pode se dar no âmbito fisiológico, que é o âmbito do orgânico; e não no âmbito do psicológico, já que neste âmbito passa a ser rompida a própria fonte da força que é a vontade, restando apenas o nada a querer, sendo, pois, ainda preferível querer o nada.

No âmbito fisiológico, a moral, com todos os seus mecanismos e expedientes, oferece ao organismo obstáculos que fazem demandar um *quantum* sempre maior de forças capazes de superação. Desse modo, quanto maior for o obstáculo que a moral imponha ao organismo, mais este reagirá em prol de sua superação e ultrapassamento. Por isso, é conveniente recordar que o niilismo, representado pela moral, no âmbito fisiológico, é possível. A possibilidade do niilismo se interpreta como capacidade de fazer dele um elo de superação, o que no âmbito psicológico já não é possível.

No âmbito psicológico, a moral acaba atuando na própria fonte das forças, o que faz com que estas não sejam provocadas como no âmbito fisiológico, mas tolhidas, portanto, incapazes de se efetivarem e imporem diante dos obstáculos e desafios. Isso porque os mecanismos da moral, ao atuarem à nível psicológico, fazem com que o niilismo, representado pela moral, seja internalizado, de modo que a condição de incapacidade, representada pela inanição, constitua a máxima do agir. Por isso, a moral, na esfera psicológica, atua no sentido de apequenar, tornar fraco e incapaz de superar. Esse sentimento de incapacidade pode apenas encontrar alguma saída mediante um conceber psicológico afirmativo do fato que se experimenta.

Para que possa acontecer uma passagem no âmbito psicológico, da situação de fraqueza e inanição para a força e ação, é requerido ultrapassar a concepção psicológica do fato que se impõe como passividade, seguindo para a concepção fisiológica deste como atividade, com capacidade de ultrapassar, superar. A superação deste fato, por mais pesado e, aparentemente, intransponível, somente é possível pela sua acolhida com amor e jubilosa afirmação. A afirmação do fato conduz a sua superação. Portanto, o amor fati opera uma transfiguração da moral, de modo a convertê-la de instrumento de suplício e submissão para instrumento propagador do aumento das forças e da superação.

REFERÊNCIAS

- GIACÓIA JR, Oswaldo. *O leitor de Nietzsche*. Org. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2022.
- LÉVEILLÉ-MOURIN, Geneviève. *La langage chrétien antichrétien de la transcendance: Pascal-Nietzsche*. Librairie Philosophique J. Vrin: Paris, 1978.
- LOSURDO, Domenico. Nietzsche e a crítica da modernidade. Trad. Alessandra Siedsohlag. Editora Ideias & Letras: São Paulo, 2016.
- NIEMEYER, Christian. *Nietzsche Werk und Wirkung eines freien Geistes*. Lambert Schneider. Verlag: Darmstadt, 2013.
- NIETZSCHE, F. W. (1999), *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Verlag de Gruyter, 15 Bd.
- NIETZSCHE, F. W. (1986), *Sämtliche Briefe: Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel KGB*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 8 Bd.
- _____. *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Genealogia da Moral. Uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *O Anticristo e Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- _____. *Ecce Homo. Como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.